

**TESSA BAILEY**

*fica  
comigo*

Tradução de  
Priscilla Barboza

1ª edição



**EDITORARECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2017

## Capítulo 1

---

*PREVISÃO DO TEMPO: possibilidade de tempestades de merda nas adjacências de Nova York, Nova Jersey e Connecticut.*

O som dos passos de Roxy Cumberland ecoava pelas paredes lisas e bege do corredor, os saltos altos batendo no mármore polido. Ela estremeceu ao vislumbrar seu reflexo na janela limpíssima com vista para a Stanton Street. A fantasia cor-de-rosa de coelho não favorecia em nada o seu tom de pele. Ela deu um suspiro ressentido ao puxar a máscara de volta ao rosto.

Quem poderia imaginar que ainda existiam telegramas cantados? Para falar a verdade, ela dera boas risadas ao ver o pequeno anúncio nos classificados do *Village Voice*. Mas a curiosidade a fizera discar o número. As risadas pararam abruptamente assim que ela ouvira o quanto as pessoas estavam dispostas a pagar em troca da sua humilhação. Então, ali estava ela, um dia depois, se preparando para cantar para um completo desconhecido pelo cachê de sessenta dólares.

Esse valor podia até não parecer muito, mas, quando a pessoa com quem você divide o apartamento acabou de te dar um pé na bunda por não conseguir pagar o aluguel — de novo —, te deixando sem ter onde morar, e sua conta no banco está nas últimas, coelhos cor-de-rosa até que não são má ideia. Pelo menos, o rabo redondinho

e felpudo serviria para amortecer a queda quando sua bunda batesse na calçada.

Viu? Ela acabou de ver algo positivo naquilo. Talvez a tempestade de merda demorasse mais um pouco para cair. Ou não. Na última semana, ela participara de treze testes, se arrastando com os pés cheios de bolhas entre uma promessa e outra de ligação, de uma resposta do tipo *definitivamente-nunca-iremos-te-ligar*, sorrindo e recitando falas para produtores-executivos entediados. Comerciais de pasta de dente, figuração em novelas diurnas... droga, ela até fizera um teste para interpretar a mãe em um comercial de pomada para assaduras de bebê. Mas a única coisa que sua aparência de vinte e um anos conseguira fora arrancar gargalhadas dos produtores.

Azar o deles. Não conseguiram afetá-la. Nada, nem ninguém conseguiria. Afinal de contas, ela era da porra do estado de Nova Jersey.

Embora Roxy normalmente escondesse esse fato, ela não podia negar que Jersey a preparara para essa constante onda de rejeição. O lugar havia lhe dado a ousadia necessária para dizer “quem sai perdendo é você” toda vez que algum engravatado afirmava que ela não tinha talento suficiente para atuar. Que *ela* não era boa o bastante. Mas duas palavras a faziam continuar, seguir em frente e pegar o metrô para um novo teste: *um dia*. Um dia, ela se lembraria dessas experiências pré-estrelato e seria grata. Aquilo tudo daria uma boa história para contar quando atravessasse o tapete vermelho de braços dados com Ryan Seacrest. Só a fantasia cor-de-rosa de coelho ficaria de fora da história.

Infelizmente, em momentos como aquele, quando uma nuvem indicava que uma tempestade de merda pairava sobre a sua cabeça, seguindo-a por todo lugar que ia, *um dia* parecia estar muito distante. Sessenta dólares não tampariam o buraco da nuvem de merda, mas a ajudariam a comer direito na próxima semana. Quanto ao seu problema de moradia, ela acabaria encontrando alguma solução.

Ainda que isso significasse pegar um ônibus para Jersey e entrar sorrateiramente no seu antigo quarto para passar a noite, ela assumiria o risco. Na manhã seguinte, calçaria novamente os sapatos de salto e voltaria à rotina sem que seus pais sequer percebessem que ela estivera lá.

Roxy deu uma olhada no pedaço de papel em suas mãos através da abertura dos olhos na máscara de coelho. Apartamento 4D. Pela música que havia decorado no caminho e considerando toda aquela ostentação no interior do edifício, ela imaginava o tipo de pessoa que atenderia à porta. Algum babaca rico de meia-idade, entediado com a vida, que queria se divertir com algo excêntrico, como uma coelha cantora. Ele fecharia a porta assim que ela terminasse, enviaria uma mensagem com um *emoticon* em agradecimento para sua principal amante e apagaria a pequena distração da cabeça ao se dirigir para a partida de tênis.

Roxy leu a anotação e sentiu um frio na barriga. Ela conhecera o novo chefe em um escritório minúsculo, em Alphabet City, e ficara surpresa ao descobrir que um cara um pouco mais velho que ela tomava conta do negócio. Sempre desconfiada, perguntara como ele mantinha o estabelecimento funcionando. Não podia haver *tanta* demanda por telegramas cantados, né? Ele rira ao explicar que coelhos cantores garantiam apenas dez por cento do faturamento. O restante vinha na forma daquilo que ele chamava de *striptogramas* — *strip-teases disfarçados de telegramas cantados*. Roxy fizera um grande esforço para parecer lisonjeada quando o ouvira dizer que ela seria perfeita para o trabalho.

Será que se sujeitaria a tanto? Tirar a roupa para desconhecidos pagava bem mais do que sessenta dólares. Seria muito fácil seguir por esse caminho. Como atriz, ela tinha a habilidade de se desligar por completo e se transformar em uma pessoa totalmente diferente. Ser o centro das atenções era algo que não a incomodava, afinal, ela havia sido preparada para isso. Aquela renda garantiria a Roxy um

lugar para morar e permitiria que ela continuasse fazendo testes sem ter que se preocupar com a próxima refeição. Então, por que hesitar?

Ela passou o polegar sobre os valores que o novo chefe havia anotado num pedaço de papel. Duzentos dólares por dez minutos de apresentação. Deus, a *segurança* que aquele dinheiro poderia trazer... Ainda assim, algo lhe dizia que, uma vez que seguisse aquele caminho e começasse a tirar a roupa, nunca mais pararia. Então, o que seria apenas uma solução temporária para a nuvem de merda, acabaria se transformando em uma necessidade.

*Pense nisso depois. Quando não estiver vestida como a porra de um coelho.* Roxy respirou fundo, exatamente como fazia antes de cada teste. Segurou com firmeza a aldrava e a bateu na porta de madeira duas vezes. Franziu o cenho quando ouviu um gemido lamuriante vindo de dentro do apartamento. Parecia vir de uma pessoa *jovem*. Será que o babaca tinha um filho? Ah, que legal! Realmente, o que ela mais queria era passar vergonha na frente de alguém da sua faixa etária. Perfeito.

Seu balãozinho de pensamentos sarcásticos explodiu assim que a se porta abriu, revelando um cara mais jovem do que ela imaginava. Um *cara sexy pra caramba. Usando apenas uma calça jeans desabotoada.* Atrevida do jeito que era, seu olhar percorreu imediatamente o caminho da felicidade, embora o deste cara devesse se chamar caminho da perdição. Começava logo abaixo do umbigo, que pertencia a um abdômen definido. Mas não era o tipo de tanquinho de quem passa horas na academia. Não, era mais natural, daqueles do tipo *faço-abdominais-na-hora-que-eu-quero*. Bem convidativo. Daqueles que você não sabe se lambe ou acaricia — depende do humor.

Roxy se forçou a readquirir o foco e levantou os olhos até encontrar os dele. Grande erro. O abdômen era brincadeira de criança se comparado ao rosto. Barba por fazer. Cabelo de quem acabou de acordar. Grandes olhos cor de chocolate contornados por cílios pretos bem escuros. As mãos estavam apoiadas nas laterais do batente da

porta, permitindo uma visão privilegiada do peitoral e dos músculos dos braços. Se fosse uma mulher diferente, teria aplaudido. Já Roxy estava bastante consciente da sua condição de coelha, mas até *isso* tinha menos importância do que o fato de o Abdômen Convitativo ser tão podre de rico que podia se dar ao luxo de estar de ressaca às onze da manhã. De uma quinta-feira.

Ele passou a mão pelos cabelos pretos desgrenhados.

— Ainda estou bêbado ou você está mesmo vestida de coelha?

A voz dele estava rouca, meio sonolenta. Provavelmente não era sua voz normal. Talvez tenha sido por isso que o estômago de Roxy deu uma cambalhota.

— Estou vestida de coelha.

— Ok. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — *Devo* ficar bêbado para isto?

— Se alguém tem que ficar bêbado para isto, esse alguém deveria ser eu.

— Pode crer. — Ele apontou em direção à escuridão do apartamento. — Acho que ainda sobrou tequila...

— Sabe de uma coisa? — *Esta é a minha vida agora. Como vim parar aqui?* — Acho que já estou pronta.

Ele assentiu, respeitando a decisão dela.

— E agora, o que a gente faz?

— Você é... — continuou Roxy, lendo o que estava escrito no papel através do recorte da máscara. — Louis McNally?

— Sou. — Ele encostou no batente, observando-a. — Foi uma homenagem ao meu avô. Então, tecnicamente, sou Louis McNally II. Bem pomposo, não acha?

— Por que está me contando isso?

— Só estou tentando puxar assunto.

— Esta é uma programação de quinta-feira normal pra você? Receber visitas de criaturas da floresta na porta de casa?

— Você é a primeira.

— Tudo bem então. Pode me chamar de Coelhinha Rosa I. Bem pomposo, não acha?

Ele riu, e Roxy se sentiu imediatamente grata pela máscara esconder seu sorriso. Para falar a verdade, a situação ficava mais ridícula a cada minuto. Definitivamente ela não tinha tempo para isto. À uma da tarde, tinha um teste para uma montagem irônica de *Lassie, uma* produção de uma pequena companhia de teatro. *Prioridades, Roxy.*

— Você parece ser bonitinha. — Ele semicerrou os olhos, tentando ver seu rosto sob a máscara de plástico. — Tem uma mulher bonita debaixo dessa máscara, Coelhinha?

— Levando em consideração que foi a garota com quem você transou ontem que me mandou aqui para cantar, eu diria que isso não tem importância — respondeu Roxy, em tom suave.

— Garotas bonitas sempre têm um trunfo — disse ele, arqueando uma das sobrancelhas escuras. — Você falou alguma coisa sobre cantar?

Roxy pigarreou, deixando que a letra terrivelmente idiota surgisse em seu cérebro. Letra que não havia sido escrita por ela, graças a Deus. Quanto antes acabasse com aquilo, mais rápido poderia se livrar da fantasia sufocante e esquecer que aquele episódio tinha acontecido. Pelo menos até amanhã, quando estava escalada para ser uma abelha gigante. Puta merda.

*Faça valer cada apresentação.* Incorporando Liza Minnelli, ela apoiou o peso em uma perna e levantou a mão oposta.

*Para o meu coelhinho conquistador,  
Uma lembrança da nossa noite de amor,  
Com poucas palavras me fez sentir sensual  
Agora, sonho acordada com a perfeição do seu...*

— Pare. — Louis balançou a cabeça devagar. — Meu Deus, por favor, pare com isso.

Roxy abaixou a mão.

— Espero que você esteja reclamando da letra, não da minha interpretação.

— Eu... é claro. — Louis olhou de um lado para o outro no corredor e ficou aliviado ao constatar que nenhum dos vizinhos tinha escutado aquilo. — Quem você disse que te mandou aqui?

Ela o encarou, perplexa. Não que ele pudesse perceber, já que a máscara escondia o seu rosto.

— Você saiu com mais de uma garota ontem à noite?

— Eu estava comemorando — respondeu ele, na defensiva. — Não seja uma coelhinha julgadora. Essas são as piores.

— Ceerto. Missão cumprida. — Ela se virou, *literalmente* balançando o rabo, e seguiu em direção ao elevador. Olhando para trás, disse: — Foi a Zoe quem me mandou aqui. Caso você queira anotar.

— Zoe é a ruiva? — perguntou Louis.

Quando Roxy parou de forma abrupta, ele sorriu, dando a entender que estava brincando. Talvez.

— Espere. Você pode esperar um segundo? Eu deveria te dar uma gorjeta.

Roxy abriu um sorriso debochado enquanto o observava mexer, de forma desajeitada, no bolso da calça.

— A que tipo de gorjeta você está se referindo? Porque eu *acabei* de cantar uma ode ao seu pênis.

— Por favor, não me lembre disso — pediu ele, tirando uma nota de vinte dólares da carteira e segurando-a entre os dedos. — Antes de você ir embora, só mais um pedido. Quero ver o seu rosto.

Roxy sentiu uma pontada de irritação. Por que a sua aparência importava tanto? Em todo lugar que ia, todo teste que fazia, havia olhares críticos analisando-a de cima a baixo. Magra demais. Curvilínea demais. Alta demais. Baixa demais. Ela *nunca* era o que eles queriam. Naquela manhã mesmo, haviam dito que tinha corpo de *stripper*. E o fato de que aquele riquinho festeiro estava lhe oferecen-

do dinheiro só por querer julgar sua aparência a deixava triplamente irritada.

— Por quê? Se gostar do que vir, vai me convidar para entrar? Você ainda deve estar com o cheiro da última garota.

Ele pelo menos teve a decência de parecer envergonhado.

— Eu...

Roxy não dava a mínima para a sua resposta.

— Você acha que eu deveria ficar lisonjeada? — Ela apertou o próprio peito de forma dramática. — Por favor, ó detentor do Pênis de Ouro, me permita cultuar a perfeição do seu falo!

— Cuidado. — A vergonha dele havia se transformado em irritação. — Está começando a parecer que você está com inveja.

— Inveja?

Agora a coisa tinha ficado séria. A nuvem de merda que pairava sobre a sua cabeça escureceu, disparando relâmpagos para todos os lados. Ela havia sido chutada do próprio apartamento, há semanas não recebia uma ligação sequer em resposta aos testes que fazia e estava prestes a se lançar à arte do *strip-tease*. Ele a pegara num péssimo dia. Para falar a verdade, dias bons estavam cada vez mais difíceis de acontecer, e, naquele exato momento, Roxy só conseguia pensar em uma coisa para ajudar: a oportunidade de arrancar aquela expressão convencida da cara do Príncipe do Pênis.

Ela mordeu os lábios para deixá-los mais convidativos e retirou a máscara. Uma onda de satisfação percorreu seu corpo ao perceber a boca dele se abrindo e os olhos castanhos adquirindo um tom mais escuro. É isso aí, *meu amigo*. Não sou de se jogar fora. Enquanto ela avançava na sua direção, ele se afastou do batente, com um gemido se formando na garganta. Percebeu o que ela pretendia fazer, sabia o que estava por vir. Roxy não pôde deixar de notar que, apesar de estar usando uma pesada fantasia de coelho, ele a olhava como se ela estivesse com um biquíni minúsculo. Louis McNally II era uma figura interessante, ela precisava admitir.

— Inveja? — repetiu ela, empurrando-o para dentro do apartamento até que as costas dele batassem na parede ao lado da porta. — Gato, eu poderia acabar com você.

Sem dar a Louis qualquer chance de resposta, Roxy ficou na ponta dos pés e colou os lábios aos dele. *Uau, bom.* Não houve nenhuma hesitação da parte dele, só uma longa e hábil mordiscada nos lábios dela. Foi como se ela tivesse pulado de um trapézio, e ele a tivesse agarrado no ar. O beijo esquentou rapidamente, as bocas se abrindo, as línguas lutando pelo controle. Uma mão forte encontrou o queixo dela e puxou seu rosto mais para baixo, permitindo que ele inclinasse a cabeça e aprofundasse ainda mais o beijo. Uma onda de eletricidade a envolveu, e Roxy cambaleou, sentindo o efeito daquele calor. *Atordoada.* Ele a afetou de uma forma que ela não estava acostumada. Já havia beijado vários caras, mas nunca ficara apavorada diante da ideia de um beijo acabar. Louis forçou ainda mais a língua, produzindo um som faminto que vibrou na boca de Roxy. Ela repetiu o som. Ainda mais alto. Inclinou a cabeça para trás, e ele acompanhou o movimento, mantendo as bocas coladas, como se não quisesse que ela fugisse. O que estava acontecendo? Ela estava perdendo o controle da situação. *Recupere o controle.*

Roxy recuou e inspirou profundamente. Os lábios dele estavam molhados e separados, como se Louis fizesse força para respirar. Seu rosto era uma máscara de puro choque e incredulidade.

— Quem é você, afinal?

Engolindo o nó na garganta, Roxy arrancou a nota de vinte dólares da mão dele.

— Sou aquela que está indo embora.

Ela saiu em disparada pelo corredor, sentindo que ele a observava. Com toda a dignidade que alguém com uma fantasia cor-de-rosa de coelha poderia ter, ela se esquivou do elevador e desceu as escadas, dois degraus de cada vez.